

A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D618	A diversidade na era pós-verdade [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-871-7 DOI 10.22533/at.ed.717192312 1. Comportamento informacional. 2. Desinformação. 3. Fake news. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 306.4
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“[...] o informador é obrigado a reconhecer que está permanentemente engajado num jogo em que ora é o erro que domina, ora a mentira, ora os dois, a menos que seja tão-somente a ignorância” Patrick Charaudeau.

Buscou-se neste e- book pensar sobre a Educação, a diversidade num mundo de pós-verdade, partindo do princípio que se vive a era da pós-verdade, cujo conceituação é de grande complexidade, pois a “pós-verdade” não se constitui apenas numa mentira, ou meia verdade, ou convicção. A verdade é um efeito discursivo. Esse fenômeno implica na maioria dos casos na prevalência de uma “verdade” sustentada por um raciocínio axiológico e patêmico. Estudar e problematizar a pós-verdade dentro do campo educacional se faz urgente, em especial, quando um dos deveres da escola são o acolhimento e a compreensão da diversidade humana. Assentados nos estudos de autores como Foucault, Angenot, Emediato, Boudon e outros, parte-se da premissa que a pós-verdade acentua-se na sociedade brasileira causando a indisponibilidade ao diálogo, assim, a maior parte das pessoas tendem a tratar as informações como verdadeiras só àquelas que confirmem suas crenças em detrimento daquelas que as invalidam. Cabe a todos sabermos problematizar o caráter retórico da percepção da pós-verdade, olhando para suas derivas, suas dispersões, no sentido de compreendermos como lidamos com aquilo que lemos, vemos, sentimos e agimos.

O século XXI emerge sob égide da complexidade das relações humanas e das mudanças civilizacionais. A complexidade e as transformações atingem a todos de forma implacável, em especial no que tange a educação; ao acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, soma-se a isso o modo como às pessoas interpretam a “verdade” do que ouvem, veem, leem, sentem ou a expressam.

As sociedades contemporâneas parecem viver num paradoxo constante: por um lado temos o neoliberalismo tentando impor-se e, por outro, o clamor da discussão de temas como o da diversidade humana e identitária, reivindicada por diversos movimentos/manifestações constantes em busca do reconhecimento das próprias especificidades (Tosi, 2010).

É necessário que os estudos e as pesquisas foquem no lado social, que busquem maneiras de amenizar as consequências da pós-verdade no ambiente digital, demonstrando aos cidadãos o quão importante é para a sociedade a sua participação na gestão da informação. Com uma sociedade criticamente atuante, que preze pela fidedignidade das notícias e pesquise a realidade dos fatos, independentemente de opiniões pessoais, as fake news, aos poucos, poderá diminuir sua visibilidade e a presença do fenômeno da pós-verdade, no ambiente digital, tende a ser reduzida.

Sendo assim, este e-book tem como objetivo refletir sobre a pós-verdade no campo da educação e da diversidade humana. Como podemos educar os homens para a verdade pautada na ética? Como a pós-verdade põe em risco um dos grandes

desafios da educação é que o de promover o acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, seja dentro ou fora da escola?

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DIVERSIDADE NA PÓS VERDADE: PRÁTICAS DISCURSIVAS ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Valquíria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Monica Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7171923121	
CAPÍTULO 2	19
AS OFICIAIS DA MARINHA DO BRASIL TITULARES DE ORGANIZAÇÕES MILITARES E SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS	
Vanessa Coelho dos Reis Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7171923122	
CAPÍTULO 3	31
ENCARCERAMENTO FEMININO: A (IN)EFICÁCIA DA POLÍTICA CRIMINAL ENQUANTO VIOLADORA DE DIREITOS	
Daiana Maturano Dias Martil Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7171923123	
CAPÍTULO 4	42
GESTÃO DE PESSOAS E LIDERANÇA: UMA ÓTICA FEMININA	
Lucília Grandó	
DOI 10.22533/at.ed.7171923124	
CAPÍTULO 5	53
ESCRITAS DE SI, POLIFONIA E CONSTITUIÇÃO DE REDES NA IMPRENSA LÉSBICA BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO DA REVISTA FEMME (1993-1996)	
Carolina Maia	
DOI 10.22533/at.ed.7171923125	
CAPÍTULO 6	64
GESTÃO UNIVERSITÁRIA COM BASES NO FEMINISMO E NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS PERFORMATIVAS	
Bya Braga	
DOI 10.22533/at.ed.7171923126	

CAPÍTULO 7	76
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE NUM MUNDO DE PÓS-VERDADE	
Maria Regina Momesso Solange Aparecida de Souza Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.7171923127	
CAPÍTULO 8	86
MEMÓRIAS EDUCATIVAS DE LÉSBICAS: A MASCULINIDADE FEMININA COMO VISIBILIDADE DA DISSIDÊNCIA	
Keith Daiani da Silva Braga Arilda Ines Miranda Ribeiro Marcio Rodrigo Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.7171923128	
CAPÍTULO 9	92
NEGRAS JOVENS OU JOVENS NEGRAS? UM OLHAR AO RACISMO E AO SEXISMO NA CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES NEGRAS	
Marjorie Evelyn Maranhão Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7171923129	
CAPÍTULO 10	104
QUEBRANDO IDEOLOGIAS SEGREGACIONISTAS: A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS EMPRESAS	
Iury Fagundes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71719231210	
CAPÍTULO 11	116
REPRESENTAÇÃO FEMININA DENTRO DO SISTEMA DO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO	
Raisha Conceição Silva Ellen Laura Leite Mungo	
DOI 10.22533/at.ed.71719231211	
CAPÍTULO 12	123
O DISCURSO FEMINISTA NAS PICHÃOES: UM OLHAR SOBRE O URBANO	
Camilla Machado Cruz Thágila da Silveira Ribeiro Taís da Silva Martins	
DOI 10.22533/at.ed.71719231212	
CAPÍTULO 13	136
TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE NAS VOZES FEMININAS DA OBRA QUILOMBOLAS DO TOCANTINS	
Rose Dayanne Santana Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.71719231213	
CAPÍTULO 14	148
PÁSSAROS DE PASSAGEM TAMBÉM SÃO MULHERES	
Carmem Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71719231214	

CAPÍTULO 15	157
MULHERES INDÍGENAS DE RORAIMA: PROTAGONISMO, RESISTÊNCIA E LUTA Marcos Antonio Braga de Freitas Andréa Freitas de Vasconcelos DOI 10.22533/at.ed.71719231215	
SOBRE A ORGANIZADORA	168
ÍNDICE REMISSIVO	169

ESCRITAS DE SI, POLIFONIA E CONSTITUIÇÃO DE REDES NA IMPRENSA LÉSBICA BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO DA REVISTA FEMME (1993-1996)

Carolina Maia

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: carolmaideaguiar@gmail.com.

RESUMO: Publicações impressas de caráter periódico para lésbicas no Brasil – o que poderíamos chamar de “imprensa lésbica brasileira” – ainda são pouco discutidas em trabalhos acadêmicos, e mesmo seus títulos são pouco conhecidos. Este trabalho parte de algumas premissas discutidas em minha dissertação de mestrado, em que abordo o papel da circulação de periódicos deste tipo para a constituição de redes entre ativistas lésbicas, tanto no Brasil como no exterior, fornecendo um espaço para a construção de escritas de si (Foucault, 1992) e oportunizando a criação de novos vínculos e relações. Como num prolongamento deste trabalho anterior, discuto aqui as características da revista *Femme*, produzida entre 1993 e 1996 pelo Afins – Grupo de Conscientização e Emancipação Lésbica de Santos, no litoral paulista, e contando com a

participação (e leitura) de mulheres de diversos lugares do Brasil. A partir de análise documental e entrevistas com algumas de suas realizadoras, discuto a emergência deste tipo de publicação e a importância conferida aos espaços de anúncios pessoais para correspondência, em um contexto descrito como de forte repressão à homossexualidade e em que o acesso a informações sobre esta era bastante restrito. A revista *Femme* aparece, então, como um nó em uma rede de grupos ativistas, criando novas redes e fazendo ressoar diferentes vozes – uma publicação polifônica composta de notícias, cartas, contos e poesias.

PALAVRAS-CHAVE: Lesbianidade. Homossexualidade feminina. Imprensa homossexual. Escrita de si. Imprensa lésbica.¹

WRITING THE SELF, POLYPHONY AND CONSTITUTION OF NETWORKS THROUGH THE BRAZILIAN LESBIAN PRESS: A DISCUSSION ABOUT FEMME MAGAZINE

ABSTRACT: Periodical printed publications for lesbians in Brazil – what could be called the “Brazilian lesbian press” - are still rarely discussed in scientific works, and even their

1 Originalmente apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 (MAIA, 2017b), este trabalho organiza um primeiro esforço de pesquisa e caracterização da revista *Femme*. O presente artigo apresenta pequenas correções em relação ao anterior, especialmente considerando descobertas recentes no campo compartilhadas pela pesquisadora Paula Évelyn Silveira Barbosa (UEPG), que localizou no acervo do Centro de Informações Mulher (CIM) de São Paulo um exemplar de 1996 da revista, permitindo atualizar o número total de edições já localizadas da revista (de oito para nove) e seu período de circulação conhecido (chegando a 1996 e não 1995, como presente na literatura).

titles are almost unknown. This work is based on my Masters' dissertation, in which I address the role of the circulation of this kind of periodical in creating networks among lesbian activists, both in Brazil and connecting Brazilian groups to those in other countries, arguing that these publications offered a space for writing the self (Foucault, 1992) and for establishing new contacts and relationships. Extending the discussion made in an earlier work, I describe here the *Femme* magazine, published between 1993 and 1996 by AFINS - Grupo de Conscientização e Emancipação Lésbica de Santos in the state of São Paulo and involving the collaboration of women from different places within the country, as well as contacts with activists in other countries (mainly in Europe). From document analysis and interviews with its publishers, I discuss the emergence of this kind of material and the importance attributed to personal ads for seeking new correspondents, in a context described as having a strong repression to homosexuality and in which access to information about it was very limited. *Femme* magazine appears, then, as a dot in a network, creating new networks and echoing different voices – a polyphonic publication comprising news, letters, short stories and poetry.

KEYWORDS: Lesbians. Female homosexuality. Gay and lesbian press. Lesbian press. Writing the self.

Este trabalho faz parte de um projeto maior de investigação sobre a imprensa lésbica brasileira – ou, refinando de maneira mais precisa o que defino como “imprensa lésbica”, tenho estudado desde minha pesquisa de mestrado publicações impressas, de caráter (idealizadamente) periódico, produzido por e para mulheres cujos interesses sexuais, afetivos (e, de maneira frequentemente explicitada, também políticos) se voltavam para outras mulheres. A categoria lésbica aparece, nesse campo, como um termo *êmico*², categoria a partir da qual a maioria das organizadoras deste tipo de material se identificava (e promovia), bem como, acredito, boa parte de suas leitoras, uma das razões para minha qualificação destas publicações mesmo como “lésbicas”. Embora não caiba me alongar demasiadamente sobre este tópico, cabe notar que a literatura sobre a “imprensa homossexual” brasileira não raro deixa de analisar as publicações para mulheres, seja pela dificuldade de acesso a estes periódicos, seja por uma ênfase (explicitamente declarada ou não) naquelas voltadas para homens gays.

Em minha dissertação de mestrado (MAIA, 2017a), realizei um levantamento bibliográfico e documental visando a caracterizar as publicações que constituíam a imprensa lésbica brasileira e suas dinâmicas de produção e circulação. Deste esforço, resultou uma lista de 19 títulos, publicadas entre 1981 e o presente, que atendiam ao critério resumido acima: serem produzidos por e destinados para mulheres que se relacionavam intimamente com mulheres³. Salvo uma revista, a *Sobre Elas*,

2 Sobre o uso de lésbica como categoria identitária, ver Facchini (2009).

3 Localizei também três publicações voltadas para o mesmo público, duas editadas por homens e mais assemelhadas às revistas masculinas de ensaios erótico-pornográficos, e uma editada por uma mulher identificada como heterossexual, jornalista responsável em uma agência de jornalismo especia-

editada pela jornalista Nina Lopes em meados dos anos 2000 em uma proposta mais “comercial”, todos os títulos localizados são marcados por sua vinculação a grupos militantes, inseridos em redes de ativismos homossexuais⁴, lésbicos e feministas, de maneira que a atuação de suas produtoras era frequentemente voluntária e/ou fazia parte dos projetos de atuação de ONGs, com financiamento estatal ou de agências internacionais de fomento a movimentos sociais. Esta inserção em redes ativistas foi um dos eixos de discussão de minha dissertação, em que analisei mais especificamente o boletim *Um Outro Olhar*, editado em São Paulo entre 1987 e 1994 pelo Grupo Ação Lésbica Feminista, posteriormente Rede de Informação Lésbica *Um Outro Olhar*. Resumindo brevemente, inclusive como forma de situar o presente trabalho no interior do projeto maior que menciono acima, naquela pesquisa abordo o papel da produção e circulação de publicações impressas de caráter periódico para a construção de redes entre mulheres lésbicas; além disso, reflito também sobre como a escrita e o compartilhamento de informações sobre relacionamentos entre mulheres, tanto aqueles advindos da militância e voltados para a construção da lesbianidade enquanto identidade e categoria política quanto aqueles que trazem e elaboram narrativas pessoais sobre as próprias experiências das leitoras, participam da construção de imaginários para este tipo de relacionamento e, neste movimento, ajudam a inseri-lo no campo de possibilidades daquelas que tinham acesso a este tipo de material. No artigo que apresento aqui, proponho uma análise semelhante sobre a revista *Femme*, publicação da Associação Afins – Grupo de Conscientização e Emancipação Lésbica (a que, no restante do trabalho, me referirei como Grupo Afins ou simplesmente Afins), de Santos, cujas edições circularam entre 1993 e 1996.

Flávia Péret, autora de *Imprensa gay no Brasil* (2011), livro ao estilo reportagem que busca contar a história da imprensa homossexual (que ela chama de “gay”) no Brasil como um todo, destaca as dificuldades de empreitadas deste tipo, notadamente, a ausência de arquivos destinados a depositar este tipo de material, levando à sua dispersão territorial e mesmo sua perda, bem como a carência de outras formas de registro sobre o tema. Em seu capítulo sobre as publicações lésbicas brasileiras, a autora comenta que “mapear e conhecer publicações produzidas pelas lésbicas e voltadas para elas é ainda mais complicado do que percorrer o itinerário do jornalismo gay masculino no Brasil” (Péret, 2011, p. 71). O trabalho da jornalista, assim como minha dissertação e diferentes outros trabalhos⁵, aborda mais detalhadamente a história das publicações do Grupo Ação Lésbica Feminista, cujo boletim *ChanaComChana*

lizado com revistas voltadas para diferentes segmentos.

4 A emergência da sigla LGBT é bastante posterior à maioria dos títulos que localizei; de fato, publicações periódicas (tanto lésbicas como gays) podem ser consultadas para acompanhar o desenvolvimento de diferentes maneiras de nomear o movimento pelos direitos de pessoas cujas práticas e identidades sexuais divergem dos ideais heteronormativos. Sobre a emergência das siglas GLBT e LGBT e sua adoção no Brasil, cf. Facchini (2005), Simões e Facchini (2009).

5 Cf., p. ex., Cardoso (2004), Lessa (2007), Campos (2016). O *ChanaComChana* é também a única publicação lésbica mencionada por Duarte (2016) na apresentação de seu projeto de catalogação e caracterização da imprensa feminina e feminista do século XX.

constitui a publicação mais estudada da imprensa lésbica brasileira. Ainda assim, é de Péret a descrição mais longa da revista *Femme* na literatura disponível sobre o tema – mesmo que este se resuma ao trecho abaixo:

De 1993 a 1995, Tânia Thomé e Monica Camargo, integrantes do Afins – Grupo de Conscientização e Emancipação Lésbica de Santos (SP) –, mantiveram a revista *Femme*, que trazia notícias sobre a comunidade lésbica, além de artigos sobre cultura, comportamento, literatura, turismo, saúde, entrevistas e uma seção de correio sentimental (Péret, 2011, p. 78).

A jornalista infelizmente não detalha as fontes dessas informações. Neste trabalho, portanto, pretendo contribuir para a discussão (e o reconhecimento) da iniciativa editorial do Grupo Afins, oferecendo uma breve caracterização das edições a que pude ter acesso⁶, com o auxílio das narrações construídas por/com “Tânia” (que, na realidade, se chama Theresa), Mônica e Laura Bacellar em entrevistas realizadas no ano de 2016. Antes de passar para a fala delas sobre os motivos que levaram estas mulheres a escrever e publicar sobre sua lesbianidade, cabe fazer uma breve discussão sobre um dos fatores cruciais para a percepção de que tais redes de circulação de escritos se faziam necessárias: um contexto de forte repressão à homossexualidade, levando à necessidade de sua ocultação em espaços públicos, no interior da família, junto a amigos ou em ambientes de trabalho, por receio de possíveis represálias negativas, dificultando o estabelecimento de relações nas quais fosse possível a troca de informações mais aberta sobre a lesbianidade. Como coloca Didier Eribon,

A questão do dizer é crucial na experiência de gays e lésbicas. É preciso revelar que se é homossexual? Quando fazê-lo? O problema reside sempre em saber para quais pessoas é aconselhável falar. Esta possibilidade de falar oferece, em primeiro lugar, o encontro com outros homossexuais. (Eribon, 2001, pp. 79-80, tradução minha).

Fora os barzinhos do “gueto” (e conhecê-los como tal já pressupunha ter tido algum conhecimento da clientela que os frequentava), uma das alternativas para conhecer outras mulheres interessadas sexualmente por mulheres era a publicação de anúncios pessoais buscando correspondentes. O boletim *Um Outro Olhar*, que descrevi em minha dissertação, por exemplo, oferecia este tipo de serviço para suas cerca de cem leitoras associadas (MAIA, 2017a). Para quem não fizesse parte deste tipo de rede, restavam as seções de anúncios das revistas masculinas, que também publicavam mensagens de mulheres interessadas por outras mulheres. Theresa e

6 Agradeço à prof. Carla Ramos (UFOPA) pela intermediação e envio das digitalizações das três primeiras edições de *Femme*, adquiridas pela Biblioteca do Congresso Norte-Americano e atualmente depositadas na biblioteca da Universidade de Austin e à pesquisadora Paula Évelyn Silveira Barbosa (UEPG) pela edição de número 9, presente no Centro de Informações Mulher, em São Paulo; agradeço também à Laura Bacellar por sua digitalização e envio da edição de número 4, presente em seu arquivo pessoal. As demais encontram-se disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Monica, inclusive, conheceram-se através deste tipo de comunicação, em meados dos anos 80: Theresa, então já na casa dos 40 anos de idade, casada com um homem e vivendo com os filhos de ambos, começou a corresponder-se com algumas mulheres que haviam publicado seus endereços em uma destas revistas. Ao ir encontrar uma delas pessoalmente pela primeira vez, acabou também conhecendo sua amiga Monica, quase 20 anos mais jovem do que ela. Apaixonaram-se, começaram a se relacionar, Theresa deixou o marido, e as duas foram viver juntas em São Vicente, na Baixada Paulista. Nas mesmas revistas que propiciaram seu encontro, publicaram um novo anúncio, divulgando o endereço de uma caixa postal em Santos para mulheres que quisessem saber de eventos e lugares onde pudessem conhecer outras mulheres. Surge daí o Grupo Afins, nomeado pela mensagem frequente que o casal recebia de mulheres que se diziam “afins” de novas amizades⁷. Trocam cartas com estas mulheres e passam a produzir um pequeno informativo sem nome, que viria a ser o embrião da futura revista.

Estas correspondências e anúncios em revistas as puseram em contato não apenas com mulheres interessadas em relacionamentos com mulheres e em informações sobre lesbianidade no Brasil: também levaram a existência de seu grupo ao conhecimento de organizações semelhantes em outros países, como as produtoras da revista lésbica *Organa*, de Portugal, que serviu de inspiração (e frequentemente cedeu conteúdo) para a produção da *Femme*. Inspiradas no periódico português, elas lançam a primeira edição de *Femme* em 1993: “criamos um boletim de forma bem artesanal, xerocado mas com matérias de interesse de nossas amigas. Chamamos o boletim de *Femme* e o promovemos a revista” (*FEMME*, nº 8, 1995, p. 1). As três primeiras edições (duas em 1993 e uma em 1994) são montadas a partir de textos datilografados e em algumas há desenhos feitos a mão; a partir da quarta, a diagramação passa a ser computadorizada, o número de páginas aumenta (passando de cerca de 40 páginas para mais de 60, mantendo o formato A5 ou “A4 dobrado”) e a revista ganha uma capa em papel couché, passando a ser impressa em gráfica. Na edição de número 6, com data de circulação indicando abril de 1995, Elizabeth (Bebéti) Gurgel do Amaral assume como jornalista responsável e as edições passam a ser enviadas para a Biblioteca Nacional. Nesta mesma edição, o editorial assinado por Laura Bacellar explicita o interesse em manter o periódico em constante melhoria e anuncia mudanças, que incluem a passagem para o formato A4 – que permaneceria até a última edição localizada, a de número 9, de 1996 –, para torná-la “mais bonita e agradável de ler”. Pedindo desculpas pelos atrasos no envio da edição anterior, ela ainda comenta a intenção das editoras de manter uma periodicidade trimestral e se justifica: “Estamos melhorando, mas não somos perfeitas. Nosso trabalho é voluntário e às vezes não totalmente sem erros. Pedimos a sua compreensão e, mais ainda, a sua colaboração. Mande textos, denúncias, traduções e contos. *FEMME* é um espaço aberto às lésbicas de cabeça aberta” (*FEMME*, nº 6, 1995, p. 1).

7 *Femme*, nº8, 1995, p. 1.

Como já mencionado no início deste trabalho, publicações impressas de caráter periódico para lésbicas foram realizadas de maneira militante, amadora. “Amadora”, aqui, pode referir-se ao grau de profissionalização, mas também ao investimento emocional (e financeiro) presente na dedicação que suas idealizadoras destinavam ao projeto – duas dimensões visíveis, por exemplo, no editorial da edição nº 8 (1995, p. 1), assinado por Tania/Theresa: “Sem nenhuma formação jornalística, sem nenhuma experiência gráfica, dedicamos todo nosso tempo livre e todas as nossas economias num trabalho titânico, mas também cheio de poesia e ideal”. O ideal e o afeto ficam ainda mais visíveis em outro editorial, assinado por Monica:

É difícil explicar que quando sonhamos com este trabalho, foi com o espírito de comunidade e que temos sempre como meta criar laços de união. Não podemos viver assim tão isoladas dentro de nós mesmas. Somos todas unidas e unidas através de Femme.

É acima de tudo um ato de amor.

Os nossos sucessos, individuais e de grupo, estão aí no eco que recebemos e no silêncio que quebramos (Femme, nº 5, 1994, p. 1).

Em entrevista, Laura Bacellar – que, após sua atuação na Femme, graduou-se em editoração, coordenou a Edições GLS e foi co-fundadora da autoproclamada primeira editora lésbica da América Latina, a Brejeira Malagueta⁸ – contou-me que a intenção de criar e fomentar redes entre mulheres lésbicas através da circulação de informações e da troca de correspondências era uma proposta central no projeto de Monica e Theresa – em grande parte, por conta da própria experiência delas na aposta dos anúncios como “a única forma de haver um encontro” entre mulheres buscando novas amizades e/ou relacionamentos. Laura Bacellar, por sua vez, ressaltou a importância de suas vivências no exterior para a construção de ideais de acolhimento e comunidade e da promoção do orgulho em ser lésbica. “A minha militância é cultural, positiva”, ela me disse, com forte ênfase nas duas palavras, destacando a seguir seu encanto ao encontrar em um sebo na Inglaterra, durante o ano que passara trabalhando como babá em Londres aos 19 anos, na virada da década de 1980, uma edição gasta de *The Price of Salt*, livro de Patricia Highsmith posteriormente traduzido no Brasil sob o título *Carol*: “fiquei muito impactada, sabe? Eu achei muito legal uma história de amor entre mulheres, que acaba bem, diferente das histórias aqui... que as poucas histórias que tinham sido publicadas aqui com temática lésbica, acabava tudo mal”. Pelas vias da ficção, da filosofia e da história, através de muitos livros adquiridos em uma livraria gay de Londres, a “ajuda da cultura” não só exerce um papel fundamental para a construção da própria identidade de Laura, mas também se converte em uma questão central em sua militância e desemboca em sua atuação profissional. Após reunirem-se no 3º Encontro Brasileiro de Homossexuais Organizados, realizado em Cajamar/SP em 1993, Theresa, Monica e Laura decidem unir esforços para a realização da revista Femme, ficando as duas primeiras responsáveis pela coordenação geral de sua

8 Sobre editoras LGBT e o trabalho de Bacellar neste campo, cf. Araújo (2016).

produção (assinaturas, recebimento e resposta a cartas, contato com colaboradoras, diagramação) e a última, colaborando desde São Paulo, participando com a revisão de textos e enviando seus próprios. Além destas, o periódico contou com a participação de diferentes colaboradoras, a maioria delas assinando seus textos sem sobrenome ou empregando pseudônimos, como a própria Theresa/Tania, por receio de possíveis exposições e represálias.

A concisão de Péret (2011, p. 78) na citação trazida acima resume bem as temáticas abordadas nas páginas de *Femme*, que de fato traziam “notícias sobre a comunidade lésbica, além de artigos sobre cultura, comportamento, literatura, turismo, saúde, entrevistas e uma seção de correio sentimental”, bem como comportavam poesias, contos e narrativas de vida elaboradas pelas leitoras e colaboradoras do periódico. Apesar de considerar que os temas elencados por Péret como constitutivos do conteúdo deste periódico ainda merecem uma análise mais aprofundada, elejo para a discussão final deste trabalho algumas produções relacionadas aos outros registros que menciono acima, considerando que o “espaço aberto” oferecido pelas editoras fornecia um espaço para a elaboração narrativa de experiências vividas, como nos termos de Meccia (2016), ou, para usar a expressão de Foucault (1992), para a construção de “escritas de si”.

Dado o espaço limitado para a discussão neste trabalho, seleciono poucos exemplos para ilustrar essa faceta da revista. No texto “Quem sabe de Lia? Um caso verídico”, Elizabeth, de São Paulo, por exemplo, conta a história de sua intensa amizade com Lia – ambas casadas, muito próximas, criando seus filhos “como primos”. À medida que a relação se aprofunda, sentimentos ambíguos começam a vir à tona: incômodo uma em relação ao marido da outra, e uma crescente felicidade imiscuída a diferentes tons de angústia:

[...] tínhamos medo de nos tocar e de nos olhar. Parecia que o mundo inteiro iria descobrir a nossa felicidade. Sequer tínhamos a coragem de expor nossos sentimentos uma para a outra. Tinha a impressão que se assim o fizesse, iria desmoronar tudo. Era platônico. Na minha cabeça ela sabia tudo o que eu sentia por ela. Ela talvez pensasse o mesmo! Ensaiei mil vezes a revelação, mas nenhuma de nós teve a coragem de sentir o que sentíamos.

Fui abafando meus sentimentos, passando a sentir-me como alguém “anormal” voltando a sentir também o velho sentimento de culpa (FEMME, nº 5, 1994, p. 49).

Elizabeth busca terapia, o que a habilita a pensar que “não era esse monstro que até então imaginava, e que também não era a única mulher a amar outra mulher”. Se antes a preocupava a ideia do que tal revelação poderia significar para sua relação com Lia e com os maridos de ambas, ao conhecer Annete, vem a virada: “Separei-me de meu marido e, de uma forma inevitável, também me afastei de Lia. Era lésbica e não conseguia mais fugir dessa realidade”. Lia, sentindo-se só, passa a fazer uso compulsivo de remédios e acaba internada em uma clínica. Quando Elizabeth vai visitá-la, Lia desmorona: “Por que você não disse que abandonaria tudo por uma

mulher? Você sabe que eu sempre te amei e hoje eu não sou mais nada!”. Os médicos recomendam que as duas nunca mais se vejam. O possível final feliz de Elizabeth (que, afinal, havia elaborado sua sexualidade, separando-se do marido por perceber que ambos tinham o “direito de ser feliz” e vivendo uma relação com outra mulher) acaba subsumido pelo final triste da história com Lia – uma história de amor impossível e, ao mesmo tempo, imprescindível. Em outra produção, o conto “Um jantar...”, assinado por Kenny, o que começa com a descrição de um jantar romântico, momento a ser eternizado na memória da narradora, termina com a morte dramática da mulher que amava. Se, por um lado, tais narrativas remontam à dificuldade de conceber a escrita de “ finais felizes”, como o que Laura Bacellar valorizou ao ler *The Price of Salt*, cabe notar que estes trazem também um imaginário de amor maior que tudo – o exagero que comprova a existência do amor entre mulheres, como aparece na teorização de Muniz (1992).

É neste sentido que evoco a concepção de polifonia, não apenas para referir-me às diferentes vozes presentes no periódico, mas mais no sentido discutido por Clifford (2017): se este autor discute o aparecimento de diferentes vozes nas narrativas etnográficas, em propostas que visam a minimizar o controle destas por parte unicamente do etnógrafo, a narrativa de Elizabeth destoa da proposta “positiva” da revista – e, se não podemos afirmar que foi publicada sem alterações, cabe notar que ela não é acompanhada por nenhum comentário por parte das editoras. Por outro lado, cabe notar que houve um investimento destas na veiculação de narrativas mais alegres – fossem as ficcionais, como o conto “Procura-se”, originalmente publicado na revista *Organa* e reproduzido na *Femme* nº 5 (1994), que narra um encontro bem-sucedido e esperançoso entre duas mulheres que se conheceram através de anúncios para correspondência, fosse através de compartilhamentos de elaborações narrativas de experiências pessoais, como é o caso “Itacoatiara – Pedra Pintada”, presente na edição seguinte. Neste texto, dedicado à companheira da autora, a manauara Cristina Maria elabora sua identidade narrativa (RICOEUR apud MECCIA, 2016) enquanto lésbica e indígena. Nas Comunidades Eclesiais de Base, teve contato com a militância, as ideias de opressão e luta de classes e a compreensão de que ela, nascida em uma família pobre e numerosa, era “também oprimida”. Por outro lado, a frequência à Igreja a impedia de vivenciar seus desejos por outras mulheres. Anos depois, tendo se mudado para São Paulo, apaixonou-se por sua amiga “Nara, que também é índia, [e] ficou muito chocada” com tal informação. Cristina depois envolveu-se com outra mulher, a quem diz dever a admissão, para si mesma, de que “amar diferente traz conflitos mas que vale a pena desafiar a sociedade para viver com quem desejo viver”. A narrativa termina contando que ela e Nara resolveram suas questões e que, à época da escrita do texto, moravam juntas há quatro anos. Como pontua Meccia (2016), a narração é necessariamente valorativa – é a forma com que os sujeitos dão sentido à sua existência. Nesta narração, Cristina elabora não apenas sua trajetória, mas seus marcadores sociais da diferença enquanto experiência, relação social, subjetividade

e identidade, para usar as classificações de Avtar Brah (2006), e sonha com “uma sociedade livre, sem preconceitos, onde todas nós possamos viver sem discriminação o amor e a paixão que sentimos” (FEMME, nº 6, 1995, p. 8). A própria Laura Bacellar escreve uma narrativa de sua aparição em diferentes mídias hegemônicas, incluindo redes nacionais de televisão, para divulgar a agência de turismo com pacotes voltados para gays e lésbicas onde ela trabalhava, elaborando ali sentidos sobre sua experiência de visibilização da própria homossexualidade e fazendo uma apologia ao orgulho, ao diálogo aberto e à aceitação (FEMME, nº 6, 1995); tanto Monica quanto Theresa aproveitaram o espaço dos editoriais para discutir seus sentimentos e sua trajetória na busca por referências e construção de amizades e outros vínculos em redes de mulheres lésbicas (p. ex. FEMME, nº 8, 1995).

Por fim, gostaria de abordar outro espaço para discussão de breves narrativas e inquietações pessoais nas páginas de Femme. Além do “correio sentimental” – para a publicação de anúncios buscando correspondentes –, a revista Femme contou com uma seção de cartas, “um espaço para que todas possam participar de nosso intercâmbio de cartas. Portanto muitas cartas não serão respondidas pessoalmente mas sim através desta seção, ok?” (FEMME, nº 5, 1994, p. 2). Em alguns casos, a publicização da questão atende a questões burocráticas, como formas de pagamento da assinatura, não recebimento da revista... Outras mensagens, dentre as centenas que chegavam à caixa postal 716 de Santos/SP com pedidos de ajuda, acabavam publicadas junto a uma resposta ou de Monica ou de Theresa, como para estender o diálogo para outras leitoras que porventura passassem por questões semelhantes. C., por exemplo, pede conselhos, contando “...coisas que não tenho coragem de dizer para qualquer pessoa. Eu não sou lésbica, morei 1 ano com meu namorado mas não consegui esquecer a minha amiga. Isso não é loucura? [...] O que você acha disso tudo? Acha que eu me atraio por mulheres?”. Femme responde:

Sabe, o corpo e a mente da gente são muito complexos [...] Existem casos de mulheres que realmente se sentem atraídas pelos dois sexos. É uma questão individual. Mas o que eu acho mais importante nisso tudo, é sobre este seu sentimento de que pode ser “loucura”. Esqueça isso! Questionar-se é saudável! [...] avalie realmente o que você sente pelo seu namorado e também pela sua amiga. Seja feliz, tá?

Talvez esta passagem explicita a postura “mente aberta” de que Laura Bacellar fala em seu editorial citado páginas acima – e, sem dúvida, explicita parte de suas próprias concepções de sexualidade. A oferta de um espaço – fossem as correspondências diretamente com as voluntárias do Afins, fosse através da publicação destes diálogos – para discussão dessas experiências e questionamentos “que não se contam para qualquer pessoa” ressoou em outras mensagens publicadas na seção de cartas, que expressavam sentimentos de identificação e agradecimento.

Nem os arquivos nem as entrevistas realizadas me trouxeram respostas definitivas

sobre o número total de edições da *Femme* que foram publicadas pelas mulheres do Afins. Laura não tem a coleção completa, Monica e Theresa, por receio do que poderia acontecer caso seu acervo de cartas caísse em mãos erradas, destruíram todas essas correspondências e também já não têm consigo todas as edições do periódico. Acredito, contudo, que a produção da revista não tenha passado de 1996, data do último exemplar localizado da revista, a edição de número 9. Os dois anteriores a este já traziam algumas queixas de suas realizadoras em relação à resposta de suas leitoras, lamentando o baixo índice de colaboração frente ao esforço dispendido por elas na produção do periódico – desequilíbrio que levaria Monica e Theresa ao desânimo e as afastaria desta forma de militância. No editorial da 7ª edição, Monica desabafa: “com o passar do tempo as pessoas que se conhecem através da revista deixam de participar e até mesmo de comprar novamente *Femme* porque ‘já encontrei alguém que procurava’” (FEMME, nº 7, 1995). Considerando, como discuti em minha dissertação (Maia, 2017a), acredito que a publicação de artigos, ensaios e outros textos, em especial as narrativas de experiências pessoais, ajudavam a inserir no campo de possibilidade das leitoras o ideal de uma relação amorosa com outra mulher, talvez mesmo esse afastamento após “conhecer alguém” seja um efeito dos próprios textos. Como me disse Theresa, “a revista fez muitos casamentos”...

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nathanael. *As pessoas dos livros e os livros das pessoas: uma etnografia sobre a produção e circulação de obras LGBTs*. 142 f.: il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

CAMPOS, Núbia Carla. *A lesbianidade como resistência: a trajetória dos movimentos de lésbicas no Brasil (1979-2001)*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CARDOSO, Elizabeth da P. *Imprensa feminista brasileira pós-1974*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DUARTE, Constância Lima. *A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil do século XIX*. In: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – Século XIX*. São Paulo: Autêntica, 2016.

ERIBON, Didier. *Reflexiones sobre la cuestión gay*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2001.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. São Paulo: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. *Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo*. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.

FEMME. n. 1, setembro/1993. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.

- FEMME. n. 2, dezembro/1993. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 3, março/1994. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 4, junho/1994. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 5, setembro/1994. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 6, fev-abril/1995. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 7, 1995. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 8, 1995. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FEMME. n. 9, 1996. Santos: Grupo Afins de Conscientização e Emancipação Lésbica.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- LESSA, Patrícia. *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)*. 261 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- MAIA, Carolina. *Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro, 2017a.
- MAIA, Carolina. 2017b. Escritas de si, polifonia e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira: uma discussão da revista *Femme* (1993-1995). In: 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11. Transformações, conexões e deslocamentos. Anais [...]. Florianópolis, p. 1-13.
- MUNIZ, Jaqueline de Oliveira. *Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: da militância ao consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, pp. 17-44.
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Pedagoga, IFSP – Câmpus Araraquara. Doutoranda em Educação Escolar – UNESP- Araraquara. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Construção 1, 7, 9, 14, 20, 21, 22, 27, 28, 32, 37, 39, 42, 49, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 61, 76, 78, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 116, 117, 118, 122, 127, 137, 138, 142, 149, 153, 159

Cultura local 116

D

Direitos humanos 16, 18, 32, 41, 71, 79, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 120, 155

Direitos humanos das mulheres negras 92, 93, 99, 101, 102

Diversidade humana 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 108

E

Educação 18, 45, 46, 47, 48, 68, 69, 72, 74, 76, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 110, 111, 113, 114, 116, 119, 148, 150, 153, 164, 165, 166, 168

Educação escolar 76, 168

Escrita de si 53, 63

Estudo de doutorado 86

Estudos feministas 17, 19, 20, 28, 29, 52, 91, 102, 103, 123, 135, 150, 156

Existência social dos negros e das mulheres 92, 93

Experiências educativas 86

Experiências lesbianas 86, 88

F

Família 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 41, 45, 46, 50, 56, 60, 79, 83, 88, 90, 146, 149, 151, 155, 165, 167

Feminina 4, 15, 26, 32, 34, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 91, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 131, 133, 154, 155, 159

G

Gênero 3, 9, 12, 15, 16, 18, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 121, 122, 123, 129, 135, 136, 137, 138, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167

H

Hipervisibilidade 86, 88

História 3, 9, 15, 17, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 30, 33, 43, 44, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 80, 86, 88, 91, 94, 97, 101, 118, 119, 121, 122, 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 158, 162, 166, 167, 168

História oral 19, 21, 29, 30

Histórico 1, 6, 9, 32, 65, 92, 93, 96, 106, 108, 117, 119, 139, 146, 159, 160, 162

Homossexual 2, 17, 18, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Homossexualidade 18, 53, 56, 61, 63

I

Identidade de gênero 34, 42

Identificações masculinas 86, 88

Ideologias segregadas 104, 105, 114, 115

Imprensa 29, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Imprensa lésbica 53, 54, 56, 63

Inclusão 28, 66, 69, 72, 78, 79, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 121

J

Jovens 71, 72, 92, 99, 101, 143

Jovens negras 92, 99, 101

Jurídico 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 37, 41, 50, 82

L

Legislação 12, 15, 31, 40, 104, 108, 109, 110, 114, 115, 136, 161, 162

Legislação brasileira 104, 108

Lesbianidades 53, 55, 56, 57, 62, 86, 87, 88, 91

M

Marcações de diferença 92, 93

Marcadores sociais da diferença 60, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 102

Marinha do Brasil 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30

Masculinidade feminina 86, 87, 88, 91

Memória coletiva comum 116

Mulheres 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167

Mulheres negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 144, 150

N

Narrativa 20, 21, 25, 26, 59, 60, 61, 117, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145

Negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 139, 144, 146, 150

O

Organizações 6, 19, 20, 27, 29, 42, 43, 57, 67, 104, 105, 106, 107, 110, 113, 114, 115, 150, 161, 163, 164, 167

P

Patriarcado 33, 67, 75

Pedagogo empresarial 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114
Performatizações de gênero 86, 87, 90
Pessoas com deficiência 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115
Poder 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 26, 27, 28, 29, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 51, 52, 66, 80, 88, 90, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 124, 133, 135, 139, 143, 145, 146, 159, 163, 166, 167
Política criminal 31, 34, 35, 37, 40
Políticas públicas de gênero 28, 42
Pós-verdade 1, 19, 31, 42, 53, 64, 65, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 104, 116, 123, 136, 148, 157
Processo histórico 92, 93, 106, 108, 159, 160

R

Raça 15, 34, 52, 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 140, 144, 145, 153
Racismo 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 103, 150, 155
Representação 15, 16, 64, 65, 88, 98, 116, 117, 121
Resistências 3, 16, 26, 46, 82, 98, 104

S

Sexismo 32, 92, 93, 94, 96, 99, 102, 103
Sistema prisional 31, 34, 40

T

Trajetória educacional 86, 87
Trajetórias profissionais 19, 20, 24

V

Vida de mulheres lésbicas 86
Violação de direitos 31, 32, 40
Visibilidade 15, 28, 45, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 90, 102, 108, 146, 149, 157, 166

